

## IDENTIDADE DOCENTE DE PROFESSORES INGRESSANTES DE QUÍMICA: QUE DISCURSOS ESTÃO EM JOGO?

**VERÔNICA CALDEIRA LEITE CHRISTINO<sup>1</sup>; MAIRA FERREIRA<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>FaE/ UFPel - PPGECM – [leite.veronica@gmail.com](mailto:leite.veronica@gmail.com)

<sup>2</sup>CCQFA/ UFPel - PPGECM – [mairafe@uol.com.br](mailto:mairafe@uol.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da minha dissertação de mestrado cujo objeto de pesquisa trata sobre como se processa a relação entre o discurso da formação profissional, dos saberes acadêmicos e o discurso do trabalho docente, dos saberes da escola. Esses discursos híbridos e contendo enunciados de diferentes ordens têm efeitos e constituem um modo de exercer a docência.

Para este estudo buscamos analisar o hibridismo de discursos na constituição da identidade profissional dos docentes de Química, além de analisarmos a relevância de programas de acompanhamento ao professor iniciante, tal como as ações que vêm sendo desenvolvidas na Argentina.

### 2. HIBRIDISMO CULTURAL E DISCURSIVO

Lopes e Macedo (2002) ao analisarem produções de grupos de pesquisa institucionalizados que mantiveram as discussões sobre currículo na década de 90 afirmaram que a grande marca dos estudos de currículo, e também do próprio currículo, é o hibridismo. Esse hibridismo se daria pela quebra e mistura de pensamentos já organizados em identidades culturais diversas, pela desterritorialização de discursos, produzindo novos sentidos, através de sujeitos que são eles próprios híbridos culturais.

Cabe ressaltar, quanto aos discursos em processos de hibridização, que

[...] não se tratam de elementos contraditórios em que um não existe sem o outro. Tampouco podem ser explicados apenas por distinções e oposições. São discursos ambíguos em que as marcas supostamente originais permanecem, mas são simultaneamente apagadas pelas interlocuções estabelecidas em uma bricolagem visando sua legitimação (LOPES, 2005, p.57-58).

Canclini (2003) afirma estarmos num mundo em crescente movimento de hibridação, e isso requer entendê-lo “não como um conjunto de unidades compactas, homogêneas e radicalmente distintas, mas sim como intersecções, transições e transações”.

Assim, quando consideramos a presença do hibridismo discursivo e cultural na formação e profissionalização docente, estamos assumindo a presença da ambivalência, pela qual há a possibilidade de identificarmos em um objeto, em um sujeito ou em uma situação, as marcas de mais de um discurso.

Ao falarmos do hibridismo cultural e discursivo na formação de professores, vemos que os discursos que circulam na universidade com relação ao trabalho docente não são anulados quando os professores passam a exercer a profissão docente, mas eles são ressignificados ao serem confrontados com os discursos que circulam na escola. É em meio a esse confronto, gerador de

muitas dúvidas a respeito da docência, que os professores vão constituindo sua identidade profissional. Por isso, entendemos que os primeiros anos do exercício da docência são muito importantes na formação da prática profissional dos professores e deve-se ter um olhar especial para esta etapa de forjamento do profissional docente, requerendo um acompanhamento mais sistemático por parte da escola e da universidade.

Neste sentido Alen (2009) nos apresenta a experiência da Argentina, iniciada como um projeto piloto e hoje consolidada como uma das linhas das políticas de desenvolvimento profissional docente do país. O programa de acompanhamento a professores ingressantes envolve o Instituto Nacional de Formação Docente, as Direções de Educação Superior de distintas províncias argentinas e os Institutos Superiores de Formação Docente (ISFD) por elas designados para explorar e concretizar esta nova função do sistema formador. As discussões sobre o acompanhamento ao docente principiante na Argentina parece-nos de grande relevância no contexto do exercício dos primeiros anos da docência também aqui no Brasil, conforme pudemos identificar nas entrevistas com as professoras de Química.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para realizar essa investigação, entrevistamos duas professoras ingressantes na docência em Química na educação básica, em uma escola pública municipal da cidade de Pelotas/RS, buscando dar visibilidade aos discursos que as constituem como professoras de Química. As questões versaram sobre a sua formação inicial na universidade, considerando a organização curricular, as orientações e considerações sobre a (futura) prática na escola e sobre o seu trabalho na escola, o currículo escolar e as práticas escolares.

Utilizamos a entrevista semiestruturada<sup>1</sup>, por considerá-la um instrumento de interação e de reciprocidade de quem pergunta e de quem responde, o qual permite esclarecimentos, correções, aprofundamentos e novos questionamentos. E, ainda, entendendo que a entrevista “não têm nada de transcendente, de revelação íntima, de estabelecimento da “verdade”: elas estão embebidas nos discursos de seu tempo, da situação vivida, das verdades instituídas para os grupos sociais dos membros dos grupos (SILVEIRA, 2007, p.128)”. A entrevista foi gravada e buscamos localizar nas falas das professoras a proliferação de discursos que marcaram sua formação inicial, na universidade, e estão marcando sua identidade profissional, agora na escola.

### 4. IDENTIDADE PROFISSIONAL NA VISÃO DE PROFESSORAS DE QUÍMICA

Analisamos as falas das professoras e vimos que as manifestações podem ser reunidas em torno das questões que apresentamos a seguir.

#### a) Currículo acadêmico e discursos sobre profissão docente

*...tinha um professor que dizia que o nosso papel era o motivador,[...] esse era o fundamento do nosso existir, da nossa profissão e não interessa, se a gente não incentivasse e não motivasse todos os alunos em uma sala de aula, nós éramos*

---

<sup>1</sup> Aquela que se desenrola a partir de um esquema básico, porém, não aplicado rigidamente, podendo haver adaptações no seu decorrer (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.34).

*fracassados, nosso trabalho não estava bom, era bem radical e tinha outro que dizia que se o cara não quer tu podes te vestir de palhaço que tu não vai conseguir (Professora X)*

*Da minha turma a única que gostou da licenciatura fui eu e eu não agradeço isso aos meus professores de maneira alguma, eu agradeço isso só ao desafio [curso pré-vestibular gratuito onde as aulas são ministradas por estudantes das licenciaturas da UFPel], porque os nossos professores sempre nos incentivaram pra pesquisa, pra indústria... (Professora Y)*

Esse parece ser um contraste recorrente em cursos de Licenciatura em Química, verificando-se um descompasso entre o discurso das disciplinas específicas da área de Química e o das disciplinas didático-pedagógicas. O primeiro enfatiza a importância da pesquisa em laboratório para o desenvolvimento científico-tecnológico e para o trabalho nas indústrias, e coloca a docência em segundo plano, causando desmotivação nos acadêmicos para serem professores na educação básica; já o segundo, incentiva os alunos a exercerem, sim, a profissão docente e a exercerem com qualidade, entusiasmo e disposição, desenvolvendo metodologias diversificadas de ensino, entendendo tempos diferenciados para a aprendizagem dos alunos, realizando avaliação processual e não classificatória, etc. Esses diferentes discursos vão instituindo modos de ser nos professores de Química, influenciando de modo diferenciado a subjetividade de cada sujeito. É neste sentido que identificamos a presença do hibridismo nos discursos dentro da própria academia, etapa importante na constituição das identidades docentes.

#### b) Currículo escolar e discursos sobre a docência

*o bom professor pra escola é aquele que vence o conteúdo, o bom professor pra academia é aquele que vence qualquer conteúdo, não precisa ser todo, desde que seja de uma maneira que ele ache que teve um bom aproveitamento ... (Professora X)*

*a academia fala em avaliar de preferência por habilidades, competências, que seria assim, interessantíssimo, mas na escola é a nota, eu quero a nota do aluno, não interessa se ele evoluiu, se houve crescimento dele, eu quero a nota (Professora X)*

*Eu fico pensando assim em relação à academia, [...] a gente estuda a teoria vygotskiana, piagetina, que é uma teoria poética da escola, e a escola é skineriana, a gente chega aqui e tem provas, e a gente tem que avaliar o aluno por duas provas e um trabalho (Professora Y)*

Percebemos na fala das professoras a dificuldade que sentem ao vir da universidade com “a visão poética” sobre educação escolar e ensino de Química, e se depararem com normas e condutas da escola com relação, por exemplo, aos processos de ensino e de avaliação. Também é ambígua a compreensão do que seja um “bom professor”, para as diferentes instituições. Na formação inicial, na universidade, o bom professor deve estar preocupado mais com o “como” do que com “o que” ensinar, sendo enfatizado que o foco não deve ser a quantidade de conteúdos ensinado, mas sim, a qualidade. Já na escola, não é visto com bons olhos aquele professor que não “vence o conteúdo” do ano letivo.

#### c) Discursos acadêmico e escolar e identidade profissional

Sobre suas identidades profissionais, as professoras se manifestaram, indicando que essa formação se dá pelo e no cruzamento de discursos híbridos que orientam sua prática docente, sua visão de escola e de currículo, ora assumindo o que é considerado válido pelas disciplinas pedagógicas de seu curso de formação inicial, ora rechaçando tais discursos, por considerá-los “poéticos” e afastados da realidade da escola.

*Eu acho que eu acabei construindo o meu estilo a partir dos dois [discursos da escola e da academia], eu ainda sinto hoje em dia a influência dos dois, porque quando eu vejo a rudeza com que se trata os alunos, eu me sinto assim, não mas não é assim dá pra voltar, dá pra buscar, aí a gente volta e tenta humanizar um pouco a coisa, que eu acho que é isso que a academia pensa, dar essa humanizada que na prática e no dia a dia não se tem na escola (Professora Y).*

*[...] o que me influenciou mais eu acho que foi o discurso da escola porque é muito utópico o que eu tive na academia, mas também nem sei se eu poderia dizer que esse foi o que me influenciou mais, porque depende da situação, do contexto (Professora X).*

## 5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os modos de subjetivação e constituição da identidade profissional, no caso das professoras de Química que entrevistamos, se dão como resultado de um processo que é o tempo todo híbrido, seja no período da formação inicial – nos cursos de Licenciatura –, seja na escola, exercendo a docência.

O currículo dos cursos de formação dessas professoras é um currículo híbrido, não só pelas diferentes áreas de conhecimento e saberes que articulam e promovem a formação docente, mas também pelos discursos que legitimam e validam essa formação, sendo nessa mescla de discursos e ambiguidades que também se constituem as identidades docentes.

Seria interessante pensar que, talvez, as políticas para a melhoria na formação de professores devam considerar, também, a necessidade de haver um acompanhamento sistemático aos professores ingressantes na educação básica.

## 6. REFERÊNCIAS

- ALLEN, Beatriz. El acompañamiento a los docentes principiantes, de proyecto piloto a política de desarrollo profesional. In: Alen, Beatriz; Allegroni Andrés. **Acompañar los primeros pasos en la docencia, explorar una nueva práctica de formación**. Buenos Aires: Ministerio de Educación, 2009.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. Noticias recientes sobre la hibridación. In: TRANS **Revista Transcultural de Música** 7, 2003 (Artigo 2). Disponível em: <<http://www.Sibetrans.com/trans/a209/noticias-recientes-sobre-la-hibridacion>> Acesso em: 14 jan. 2012.
- LOPES, Alice Casimiro. Política de Currículo: Recontextualização e Hibridismo. **Currículo sem Fronteiras**, v.5, n.2, p-50-64, jul/dez 2005.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. O pensamento Curricular no Brasil. In: **Currículo: Debates Contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002. p.13-54.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EDU, 1986.
- SILVEIRA, Rosa M. H. A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, Marisa V. (org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.